

Relato de Experiência

Cartografia social e agroecologia: mapeamento participativo da Rede Sabor e Saúde da Serra em Muriaé-MG

Social cartography and agroecology: participatory mapping of the Rede Sabor e Saúde da Serra in Muriaé-MG.

Catografía social y agroecología: mapeo participativo de la Rede Sabor e Saúde da Serra en Muriaé-MG

Leonardo Rodrigues de Oliveira ^I , Carla Martins Nunes ^{II} , Stefanie Marquioro ^{III} ,
Lucas Magno ^{IV} , Julio Cesar Pereira Monerat ^V 

^IInstituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – campus Muriaé, Muriaé, MG, Brasil.

^{II}Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Geografia, Viçosa, MG, Brasil.

RESUMO

Este relato apresenta os resultados de um projeto sobre mapeamento participativo da Rede Sabor e Saúde da Serra (Rede). Essa Rede é formada por agricultores agroecológicos de municípios da região de Muriaé-MG que comercializa seus produtos através de feiras realizadas semanalmente e também a partir de entregas delivery. O mapeamento participativo foi demandado pela própria Rede, na tentativa de espacializar e diagnosticar os agricultores que fazem parte desse coletivo, identificando seus produtos e territórios, mostrando para a sociedade a viabilidade de projetos agroecológicos e visando fortalecer sua comercialização. O objetivo do projeto foi realizar um processo participativo dessa Rede, por meio de oficinas presenciais, de entrevistas e do emprego de técnicas de geoprocessamento, com uso de software livre de Sistemas de Informações Geográficas (SIG). A execução do projeto resultou na produção de seis mapas de localização dos agricultores e de suas produções, contribuindo com a visibilidade da agroecologia e com a divulgação da Rede na região.

Palavras-chave: Mapeamento participativo; Agroecologia; Muriaé-MG; Extensão.

ABSTRACT

This report presents the results of a project on participatory mapping of Rede Sabor e Saúde da Serra (Rede). This Network is made up of agroecological farmers from municipalities in the Muriaé-MG region who sell their products through weekly fairs and also through delivery. Participatory mapping was demanded by the Network itself, in an attempt to spatialize and diagnose the farmers who are part of this collective, identifying their products and territories, showing society the viability of agroecological projects and aiming to strengthen their commercialization. The objective of the project was to carry out a participatory process in this Network, through face-to-face workshops, interviews and the use of geoprocessing techniques, using free Geographic Information Systems (GIS) software. The execution of the project resulted in the production of six location maps of farmers and their production, contributing to the visibility of agroecology and to the dissemination of

the Network in the region.

Keywords: Participatory mapping; Agroecology; Muriaé-MG; Extension

RESUMÉN

Este informe presenta los resultados de un proyecto de mapeo participativo de la Rede Sabor e Saúde da Serra (Rede). Esta Red está formada por agricultores agroecológicos de los municipios de la región de Muriaé-MG que venden sus productos a través de ferias semanales y también a domicilio. El mapeo participativo fue demandado por la propia Red, en un intento de espacializar y diagnosticar a los campesinos que forman parte de este colectivo, identificando sus productos y territorios, mostrando a la sociedad la viabilidad de los proyectos agroecológicos y apuntando a fortalecer su comercialización. El objetivo del proyecto fue realizar un proceso participativo en esta Red, a través de talleres presenciales, entrevistas y el uso de técnicas de geoprocésamiento, utilizando software libre de Sistemas de Información Geográfica (SIG). La ejecución del proyecto resultó en la producción de seis mapas de ubicación de agricultores y su producción, contribuyendo a la visibilidad de la agroecología ya la difusión de la Red en la región.

Palabra-clave: Mapeo participativo; agroecología; Muriaé-MG; Extensión

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Cartografia social e agroecologia: mapeamento participativo da Rede Sabor e Saúde da Serra em Muriaé-MG”, que embasou este relato de experiência, partiu de dimensão oposta aos dos cânones cartográficos oficiais, historicamente associados ao ideal máximo de objetividade, técnica e ciência e que encobrem um vasto universo de atores sociais, suas práticas e territórios. Nele, seguimos os princípios e pressupostos da cartografia social, que reconhece que as posturas políticas materializadas nas representações cartográficas fazem do próprio mapa um instrumento de poder (ACSELRAD, 2012; ALMEDIA, 2013). Lançando mão dos aparatos técnicos como meios de expressão política, a cartografia social agrega o instrumental da ciência cartográfica às metodologias participativas, e o produto final é concebido como “mapa participativo”, que se converte em argumento político diante de instâncias oficiais e da sociedade. E construir mapas participativos foi o objetivo do projeto mencionado, entendendo que o mapa não só é uma representação do território, mas parte das territorialidades em si (HAESBAERT, 2011), visto que é um artefato político-cultural importante.

A demanda de construção de mapas participativos de um coletivo de agricultoras e agricultores agroecológicos organizados em torno da Rede Sabor e Saúde da Serra (Rede) surgiu da articulação prévia de alguns dos autores deste relato de experiência com as organizações sociais representativas da agricultura familiar em Muriaé-MG e região. Desde 2010 interagimos, via projetos de pesquisa e extensão, com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Muriaé, Rosário de Limeira e Barão de Monte Alto (STR), com a Cooperativa da Agricultura Familiar de Muriaé (COOPAF) e, mais recentemente, também com a Rede. Este último coletivo foi formado em 2016, a partir de um projeto da instituição de ensino da qual fazemos parte e que foi financiado pela Conselho Nacional de Desenvolvi-

mento Científico e Tecnológico (CNPq) em um edital de fortalecimento dos territórios rurais via Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEA); e se organiza em torno de feiras semanais e da entrega (*delivery*) de produtos da agricultura familiar livres de agrotóxicos.

A Rede Sabor e Saúde da Serra tem se consolidado em Muriaé como um importante circuito curto de comercialização agroecológica, de sustentabilidade, inclusão e inovação social (ROVER; DAROLT, 2021; SAQUET, 2021). Entretanto, integrantes da Rede identificaram a necessidade de ampliar sua visibilidade, com o objetivo de agregar mais agricultores ao processo e de ampliar as redes de consumidores. Também existia a intenção de visibilizar esse coletivo frente ao poder público, no sentido de angariar apoio para ampliar os espaços de comercialização de produtos agroecológicos em Muriaé-MG. Foi justamente para atender essas demandas que surgiu o projeto de extensão em questão, que teve como objetivos: i) mapear a produção dos integrantes da Rede; ii) construir mapas participativos dos agricultores e agricultoras e de seus produtos; e iii) divulgar a feira agroecológica como espaço de inovação social e sustentabilidade no que se refere à soberania e segurança alimentar.

Para apresentar os resultados do projeto, este relato de experiência foi dividido em duas seções, para além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresentamos de forma sintética os termos do debate envolvendo extensão, agroecologia e cartografia social. Já na segunda seção, apresentamos os aspectos metodológicos que guiaram a execução do projeto e os resultados propriamente ditos, como os mapas participativos. Na execução dessa parte, é importante frisar que o projeto encontrou desafios e possibilidades, tivemos avanços metodológicos e restrições de participação, tudo isso em decorrência da pandemia da COVID-19 que fez boa parte do trabalho ser executado de maneira remota. De toda forma, foram seis mapas construídos, entretanto, por limitações de espaço comuns em trabalhos acadêmicos, apresentaremos apenas três deles.

Com esse texto, esperamos oferecer aos leitores não apenas um relato de como vivenciamos a extensão universitária, mas também ampliar o debate sobre as articulações necessárias entre agroecologia e cartografia social, partilhando saberes e possibilidades de desenvolvimento rural sustentável com outros extensionistas e pesquisadores, notadamente aqueles engajados com questões socioambientais.

2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, AGROECOLOGIA E CARTOGRAFIA SOCIAL

As Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil possuem *expertise* para tratar boa parte das questões socioambientais demandadas pela sociedade civil. Entretanto, um dos seus grandes desafios passa pela disposição de seus conhecimentos à comunidade externa, uma vez que, historicamente, as IES valorizaram um conhecimento técnico em detrimento de um processo construtivista e dialógico, conforme evidenciou Batomé (1996).

A partir de novas concepções sobre o fazer extensionista de maneira comunicacional e dialógica (FREIRE, 1987), especialmente a partir do início do novo milênio e do direcionamento de políticas públicas para isso (DIAS, 2017; COELHO, 2017), notadamente a Política

Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (CAPORAL, 2003) e da consolidação de uma Política Nacional de Extensão Universitária no âmbito do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior (FORPOREX, 2012), as ações de extensão nas IES, sobretudo as públicas, foram compartilhando com a sociedade civil seus projetos, cursos, produtos e eventos. Com isso, teve início um processo de fortalecimento da interatividade, interdisciplinaridade e da relação dialógica, reintegrando saberes, agentes e autores em um projeto educativo e popular.

Fazendo um paralelo das atividades extensionistas com a sociologia das ausências proposta por Boaventura de Souza Santos (2010), quando este autor argumentou que esta trata de visibilizar a produção ativa do inexistente no sentido de diminuir as experiências do presente; podemos dizer que a extensão, numa perspectiva dialógica, passa justamente pela necessidade de acreditar e fazer visível as experiências sociais marginalizadas, tornando-as presentes. Para tanto, seguindo a análise do autor, faz-se necessário a substituição das monoculturas do conhecimento por uma ecologia de saberes, dialogando com as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento a partir de múltiplas experiências sociais.

A ecologia de saberes consiste numa delicada experiência de diálogo intercultural entre saberes científicos e populares, historicamente desprezados pela ciência. Nesse sentido, as IES têm importante papel no apoio e desenvolvimento de propostas emancipatórias, devendo participar ativamente na construção da coesão social e de uma sociologia das emergências (SANTOS, 2010); e a extensão universitária, entendida como "(...) um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade" (FORPOREX, 2012, p. 28) é uma ação estratégica para isso.

Entretanto, para além do debate envolvendo extensão, o referente à agroecologia também nos embasou na execução do projeto em questão, já que ela pode ser definida como uma ciência, como um movimento social e também como um conjunto de práticas agrícolas com enfoque ecológico; ou, em outros termos, como ciência, como técnica e como ação política (ALTIERI, 2004; WEZEL *et. al.*, 2009; LO SARDO; FIGUEIREDO, 2015). Essa definição mostra que, para além de um sistema produtivo mais saudável e em harmonia com o meio ambiente, a agroecologia se propõe a ser um movimento social que pauta questões políticas que, não raro, foram relegadas a um segundo ou a um terceiro plano, como as de gênero, geração e raça no meio rural.

A extensão a partir de um enfoque agroecológico traz em suas bases a valorização dos saberes populares e científicos, na busca pela sustentabilidade, autonomia e participação social no processo de planejamento, execução e avaliação das intervenções sociais. Ela é baseada num caráter educativo e efetiva-se por meio de metodologias que permitem o desenvolvimento de uma prática em que seus atores buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os levem a agir politicamente e conscientemente na e a partir de suas realidades (de classe, raça, gênero e geográfica); capazes de contribuir para o fortalecimento da cidadania e para o desenvolvimento rural sustentável. E isso importa já que entendemos,

assim como Freire (1983), a extensão como uma tarefa educativa e comunicacional, e a extensão agroecológica, conforme Caporal (2004), um mecanismo de intervenção educativa e transformador.

E a cartografia social? Qual seria seu papel nesse debate? Gorayeb e Meireles (2014) nos ofereceram importantes pistas para essa conexão envolvendo extensão, agroecologia e cartografia social ao explicitarem que esta última é um ramo da ciência cartográfica que trabalha, de forma crítica e participativa, com a demarcação e a caracterização de territórios em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural. Nestes termos, entendemos que o território não é apenas a delimitação de um espaço por determinada jurisdição, mas que está ligado às raízes e identidades de grupos subalternizados, que ocupam e constroem relações econômicas, simbólicas, ambientais e sociais com o espaço geográfico, onde são materializadas suas práticas, vivências, rituais, etc. E isso é possível de ser mapeado e visibilizado à sociedade.

Experiências de cartografia social no Brasil (ACSELRAD, 2008; ALMEIDA, 2013; BARGAS; CARDOSO, 2015; dentre outros) têm se apresentado como poderosos contra-argumentos de projetos hegemônicos em contextos de geometrias de poder (MASSEY, 2008), que visibilizam realidades diversas e identificam unidades de mobilização social que confrontam formas canônicas de ordenamento territorial. E o projeto de extensão “Cartografia social e agroecologia: mapeamento participativa da Rede Sabor e Saúde da Serra em Muriaé-MG”, portanto, soma-se a essas e outras experiências que ocorreram e ainda ocorrem no país, articulando extensão, agroecologia e cartografia.

3 A ESPACIALIDADE DA AGROECOLOGIA A PARTIR DA REDE SABOR E SAÚDE DA SERRA

Como mencionado, a demanda para a realização de um mapeamento da Rede surgiu a partir dos próprios agricultores, em uma reunião de planejamento ocorrida no início do ano de 2021 e após uma oficina sobre produção orgânica com técnicos parceiros do coletivo. Nesta oficina, além dos debates envolvendo a Assistência Técnica e Extensão Rural Agroecológica propriamente dita, houve a apresentação dos resultados de uma pesquisa de opinião realizadas com consumidores da feira, na tentativa de diagnosticar quais eram os desafios e as possibilidades que eles viam com a concretização de um espaço de comercialização de produtos agroecológicos em Muriaé-MG. A partir dos debates sobre essa pesquisa é que nos foi solicitado um projeto de extensão para dar mais visibilidade a esse circuito de comercialização.

Já tínhamos experiência com projetos de cartografia social na região, particularmente sobre mapeamento de comunidades rurais em situação de conflito ambiental com empreendimentos de mineração no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (IORIO; MAGNO, 2019). Entretanto, mesmo sabendo das possibilidades que a execução de um projeto de cartografia social poderia oferecer para a afirmação territorial, existia, de

nossa parte, um receio em termos metodológicos, já que vivenciamos os desafios sanitários impostos pela pandemia da COVID-19. Assim, uma indagação imediatamente surgiu, qual seja: como executar um projeto de extensão envolvendo mapeamento participativo de agricultores sem poder realizar oficinas presenciais com a frequência necessária? Essa foi uma preocupação que levamos à discussão na tentativa de buscar alternativas para a execução do projeto.

Para nossa surpresa, os agricultores assumiram o desafio de sua execução de forma semipresencial e remotamente. No debate, elencamos as alternativas metodológicas, como o envio da localização via aplicativo de mensagens, áudios ou mensagens com informações dos produtos que cada um produz e comercializa e também algumas reflexões sobre a importância dos mapas e da visibilização da feira¹ (Figura 1). Também propusemos que, para validar os dados e as informações coletadas remotamente, havia a necessidade de uma reunião *on-line*. Entretanto, esta possibilidade foi descartada devido às dificuldades que os agricultores têm com esse tipo de ferramenta de comunicação digital, especialmente as reuniões virtuais. Como forma de atender esse objetivo, eles propuseram uma oficina presencial com público reduzido, respeitando os protocolos de biossegurança do município e da IES responsável pelo projeto para evitar a disseminação da COVID-19.

Considerando esse debate prévio, a metodologia do projeto, sinteticamente, pode ser descrita em cinco etapas, a saber: i) reuniões remotas de planejamento e debates da equipe executora (especialmente sobre a realização do projeto no contexto de pandemia); ii) mobilização em grupos de aplicativo de mensagens da Rede, explicando as etapas e o processo do mapeamento; iii) envio, pelos agricultores e via aplicativo de mensagens, das informações solicitadas (localização geográfica, lista de produtos comercializados e breve entrevista via mensagens de áudio); iv) produção dos mapas em ambiente SIG; e v) validação das informações coletadas em oficina presencial².

Somado à essa proposta metodológica, havia o conhecimento prévio dos territórios por parte de alguns integrantes da equipe executora. Isso, sem dúvidas, contribuiu para o sucesso do projeto em tela, já que visitamos quase todas as propriedades dos integrantes da Rede Sabor e Saúde da Serra quando ainda realizávamos um diagnóstico dos produtores que queriam integrar esse coletivo e sabíamos parcialmente suas localizações geográficas e produtos (CALIXTO, *et. al.*; 2017).

1 É importante destacar que, em boa parte do primeiro semestre do ano de 2021, as feiras livres no município de Muriaé-MG foram proibidas de acontecerem presencialmente em decorrência do avanço da COVID-19. Entretanto, a partir de outro projeto de extensão da IES do qual fazemos parte, a Rede Sabor e Saúde da Serra organizou entregas *delivery* de seus produtos na tentativa de manter a proximidade com seus consumidores e de continuar a gerar renda para os agricultores e agricultoras. Assim, praticamente toda a primeira metade do ano de 2021, a Rede funcionou apenas através desse canal de comercialização.

2 Essa metodologia, evidentemente, trouxe limitações de participação de alguns dos integrantes da feira por conta de seu reduzido letramento digital. Em alguns momentos, tivemos mais participação, em outros, menos. Consideramos que os mapas podem ser chamados de participativos, entretanto, temos que levar em conta as restrições impostas pelo contexto sanitário, o que, de certa maneira, reflete nos produtos cartográficos. Por outro lado, desenvolver um projeto de cartografia social de maneira semipresencial e remotamente também pode ser considerado uma inovação metodológica, uma vez que, na literatura especializada, não há referências sobre isso.

Figura 1 – Panorama da feira agroecológica localizada na Praça do Trabalhador em Muriaé-MG, 2022.



Fonte: Acervo particular dos autores, 2022.

Tendo como pressuposto o debate envolvendo extensão universitária, agroecologia e cartografia social, além dos direcionamentos metodológicos descritos, iniciamos a execução do projeto. Atualmente são 29 famílias que integram a Rede Sabor e Saúde da Serra, entretanto, nem todas estão participando ativamente das ações desse coletivo. Assim, para selecionar quais dessas famílias iriam ser mapeadas utilizamos alguns critérios, a saber: i) interesse e vontade em participar do projeto; ii) participante ativo da Rede; e iii) diversidade de gênero e geração e representatividade geográfica dos municípios de origem dos agricultores e agricultoras. Nesse contexto, participaram do mapeamento 15 famílias, sendo 11 delas de Muriaé-MG, 2 de Miradouro-MG, 1 de Laranjal-MG e outra de Barão de Monte Alto-MG.

Percebemos uma diversidade de produtos oferecidos por esses agricultores semanalmente na feira e no *delivery*. Tais produtos englobam hortaliças (couve, alface, almeirão, repolho, taioba, etc.), doces (geleias de frutas variadas, doce de leite, doces de frutas variados, etc.), panificados (pães, bolos, biscoitos, etc.), café, palmito, farinhas (de arroz, de mandioca, de milho, etc.), cereais (arroz, feijão, milho, etc.), frutas (morango, mamão, banana, jabuticaba, mexerica, jaca, etc.); produtos de origem animal (ovo, torresmo, carne de lata, linguiça, leite, queijo, etc.), produtos processados de origem vegetal (conservas, mandioca cozida, molho de pimenta, bolinho de mandioca, polpas de frutas, vinagre, temperos, etc.) e produtos para limpeza e higiene pessoal (sabonetes, sabão em barra, etc.). Também são vendidas mudas e plantas medicinais, estas, porém, sob encomenda.

Após esse mapeamento inicial da produção, e já na oficina de validação das informações (Figura 2), fizemos um debate sobre a importância do mesmo. Um dos principais pontos levantados pelos agricultores foi a percepção da diversidade de produtos que eles oferecem aos consumidores. Embora essa percepção já estivesse, consciente ou inconscientemente, evidente para aqueles que participam ativamente dos espaços de comercialização, seja no presencial (as feiras), seja nas entregas *delivery*, visibilizar isso, foi considerado um ponto positivo entre os presentes.

Figura 2 – Oficina presencial reduzida com agricultoras e agricultores da Rede Sabor e Saúde da Serra em Muriaé-MG para validação das informações coletadas remotamente pelos integrantes do projeto de extensão, 2021.



Fonte: Acervo particular dos autores, 2021.

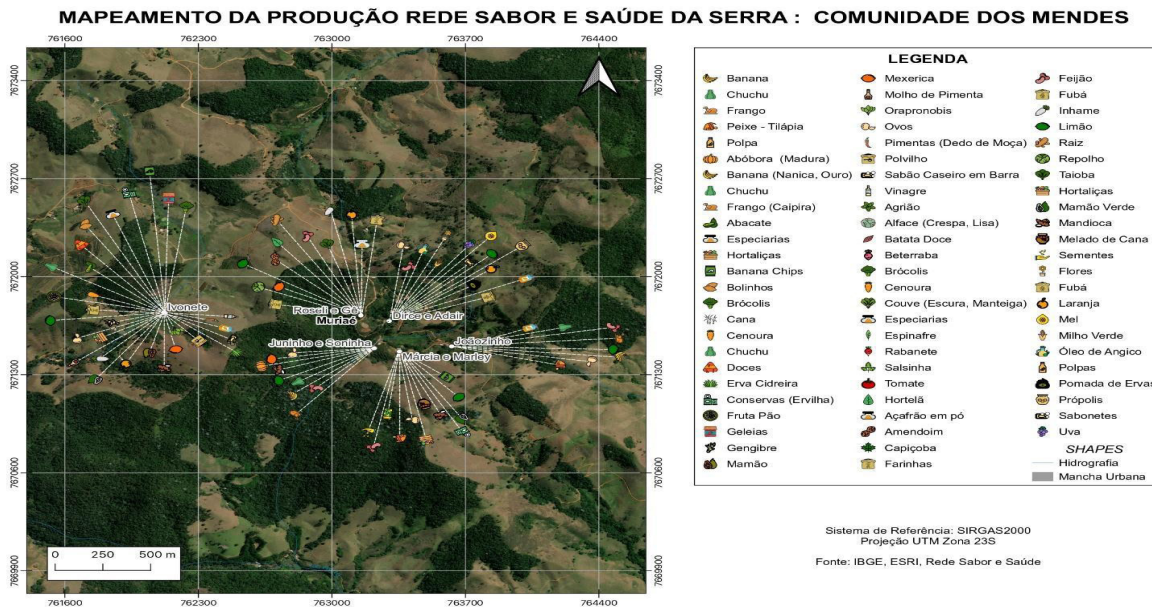
Outro ponto bastante discutido foi sobre a importância de ofertar produtos diversificados. Isso, aliás, foi considerado um trunfo, uma vez que há produtos que, independente da oferta, a procura é grande, como por exemplo, bananas (de várias qualidades) e ovos caipiras. Segundo os agricultores, “(...) o que levar, vende!”. Outros produtos, porém, têm baixa procura e, se todos os agricultores ofertarem na feira, haverá sobra, causando prejuízos. Este é, particularmente, o caso de algumas hortaliças, das polpas de frutas e também dos doces e panificados. Por isso, na visão dos agricultores, é preciso diversificar ainda mais, sem, contudo, que todos produzam a mesma coisa.

Um terceiro aspecto bastante discutido a partir do mapeamento da produção foi aquele relativo às demandas dos consumidores por alguns produtos, em especial pelas frutas e legumes que eles tradicionalmente encontram nos mercados formais (hortifrúteis, supermercados, etc.), a exemplo do mamão, do pimentão, da maçã, da beterraba, dentre outros. Há, por parte dos agricultores, uma tentativa de produzir estas variedades de frutas e legumes com mais frequência, mas, como se trata da oferta de produtos agroecológicos, segundo eles, “(...) os consumidores têm que entender que mamão não dá o ano todo”. Ou seja, em outras palavras, podemos dizer que há uma necessidade de compreensão por parte dos consumidores sobre a sazonalidade de determinados produtos, especialmente das frutas e legumes, e que, mesmo que haja um esforço dos agricultores para sua produção, nem sempre eles serão ofertados com a frequência que eles exigem.

Porém, para além desse debate, também foram confirmadas e validadas as informações geográficas das propriedades de cada um dos presentes. Para outros agricultores que foram mapeados, mas que não estavam na oficina presencial, a validação foi realizada com a apresentação dos mapas via aplicativo de mensagens. Os mapas abaixo mostram parte da espacialidade da agroecologia na Zona da Mata mineira a partir da Rede Sabor e

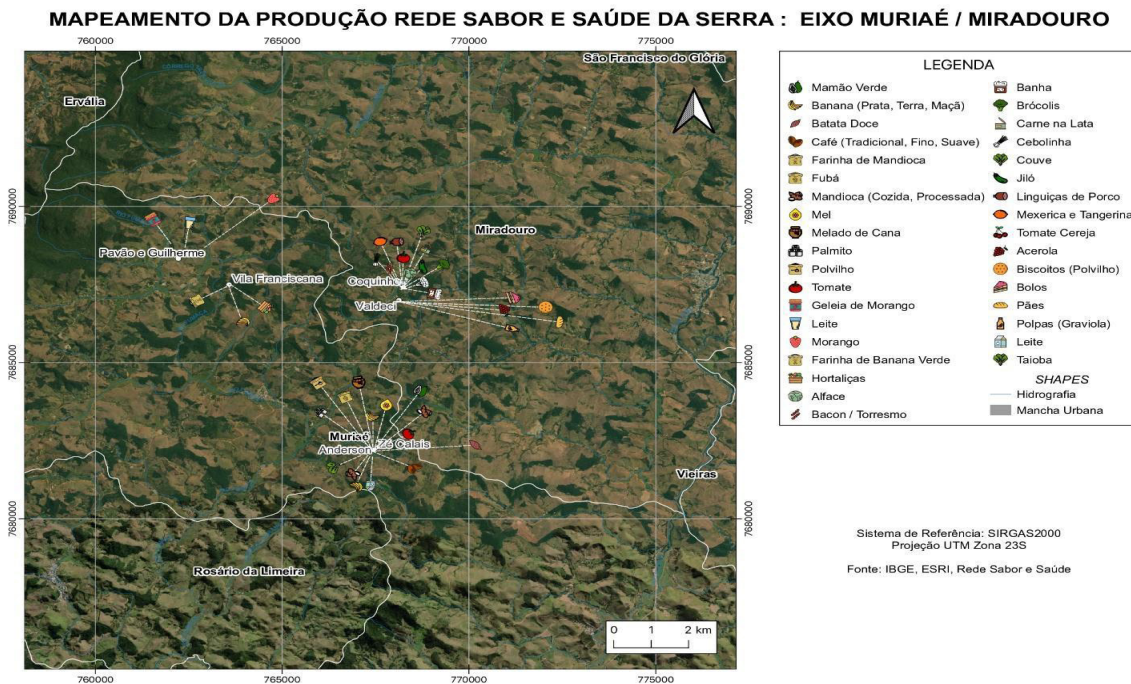
Saúde da Serra (mapas 1, 2 e 3).

Mapa 1 – Mapeamento da produção da Rede Sabor e Saúde da Serra: comunidade dos Mendes, Muriaé-MG.



Fonte: IBGE, ESRI, Rede Sabor e Saúde da Serra, 2021. Elaborado pelos autores.

Mapa 2 – Mapeamento da produção da Rede Sabor e Saúde da Serra: Belisário (Muriaé-MG) e Serrote (Miradouro-MG)

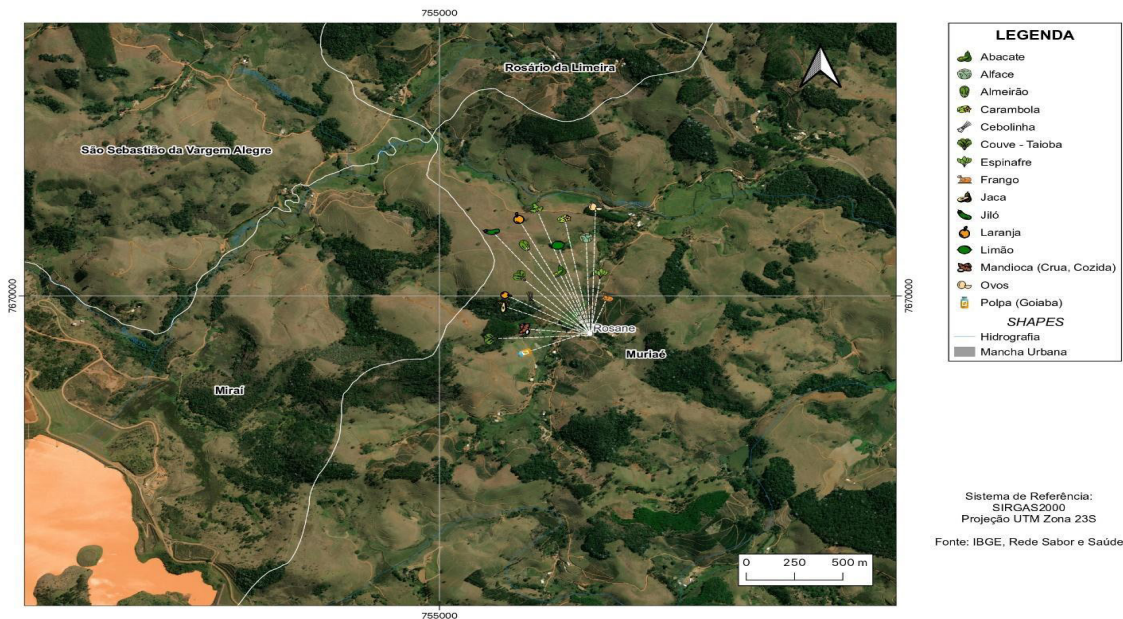


Fonte: IBGE, ESRI, Rede Sabor e Saúde da Serra, 2021. Elaborado pelos autores.

Mapa 3 – Mapeamento da produção da Rede Sabor e Saúde da Serra: Pirapanema (Muriaé-

-MG).

MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO REDE SABOR E SAÚDE DA SERRA : EIXO MURIAÉ - B.1



Fonte: IBGE, ESRI, Rede Sabor e Saúde da Serra, 2021. Elaborado pelos autores.

O mapa 1 representa os agricultores e agricultoras integrantes da Rede que residem na comunidade dos Mendes, em Muriaé-MG. Essa comunidade é conhecida entre organizações sociais da região por apresentar estágio avançado de transição agroecológica. São 13 famílias residentes lá, todas com algum grau de parentesco. Destas, 9 podem ser caracterizadas como agroecológicas ou em transição de uma agricultura convencional para uma mais sustentável. Da Rede, fazem parte ativamente 6 famílias, as outras, porém, fazem entregas de produtos a mercados institucionais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e/ou o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), além de integrarem a Cooperativa da Agricultura Familiar de Muriaé-MG (COOPAF). Nos Mendes, encontram-se os agricultores com maior diversidade de produtos ofertados na Rede, com destaque para a Ivonete, a “Nete”, que, segundo ela, “a feira mudou minha vida, dando mais vontade de trabalhar e ganhar meu dinheirinho, cuidando da minha saúde e da saúde dos outros com produtos de qualidade e sem veneno”.

O Mapa 2, por sua vez, representa comunidades rurais do distrito de Belisário (Muriaé-MG) e Serrote (Miradouro-MG). Essas comunidades vivenciam um conflito histórico contra o avanço de empreendimentos de mineração de bauxita, pretendidos pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), e alguns agricultores, inclusive alguns dos mapeados pelo projeto, integram a Comissão Regional de Enfrentamento a Mineração na Serra do Brigadeiro. Essa comissão, desde 2004, tem ações no entorno da Serra do Brigadeiro, que abrange o distrito de Belisário e o Serrote, defendendo que esta região seja considerada um território livre de mineração (CASTRO, *et. al.*, 2020). Entre as justificativas para isso, está a

forte presença da agroecologia, além das localidades serem consideradas a “caixa d’água” de Muriaé-MG, ou seja, serem locais onde há grande quantidade de recursos hídricos que abastecem esse município.

Nesse mapa, também merece destaque a presença da Vila Franciscana de Santa Maria dos Anjos, que, através da religiosidade ancorada na teologia da libertação, movimentada política, social e ambientalmente o distrito e seu entorno através das comunidades de fraternidade (grupos de base). Em termos de produção agroecológica, o destaque fica por conta do morango (muito procurado na feira), produzido pelo Pavão e pelo Guilherme, pelo café de qualidade e pelo palmito, produzidos pelo Zé Callais e pelo Anderson, pelos panificados (bolos, biscoitos, pães, etc.) produzidos pelo Valdeci e sua esposa, a Luzitana (“Tana”), e também pelos produtos de origem animal do “Coquinho” (Charleones), sobretudo a linguiça defumada, a carne de lata e o frango caipira.

Por fim, destacamos o Mapa 3, representando a produção da Rosane nas proximidades do distrito de Pirapanema, também em Muriaé-MG. Rosane começou a participar da Rede após a realização de um curso de extensão sobre boas práticas de produção sustentável, ofertado pela IES da qual fazemos parte. Desde então, passou a participar das reuniões para a formação da Rede e não se afastou mais. Ela produz frutas (e polpas), hortaliças, ovos e também vende galinha caipira. Entretanto, destacamos esse mapa porque ele representa muito bem o papel que a cartografia social tem em visibilizar distintos projetos territoriais de desenvolvimento, uma vez que, muito próximo de sua propriedade está a barragem de rejeitos da CBA, em Miraí-MG (município limítrofe a Muriaé-MG). Nem Rosane tinha ideia que estava tão próximo assim, o que só foi materializado com a validação do mapa em questão. Isso, com efeito, a deixou muito apreensiva, levando em consideração o contexto de constantes rompimentos de barragens de mineração no estado de Minas Gerais e por ela estar localizada na chamada Zona de Auto salvamento³.

Além desses mapas, o projeto produziu outros três, mas que, por limitação de espaço, não puderam ser apresentados. Cada mapa tem histórias, lutas e projetos de vida distintos que, em maior ou menor grau, trazem a agroecologia como norte (ou sul!) de possibilidade e realizações. Para contar cada uma delas, seriam necessários tópicos ou seções à parte, para não correremos o risco de sermos injustos. Mas acreditamos que os mapas apresentados trazem uma boa representação e uma narrativa da experiência extensionista vivenciada, descrevendo os desafios e as possibilidades da materialização da agroecologia nos territórios rurais da Zona da Mata mineira e da troca de saberes envolvendo academia e agricultores familiares.

Para finalizar esse tópico, gostaríamos de destacar o fato de que, ainda em 2021, a Rede ter conseguido novo espaço para a realização da feira. Se até meados de 2021 ela ocorria apenas em um local e em um dia da semana – às quartas-feiras na Praça do Trabalhador –, a partir da flexibilização das restrições para conter a disseminação da COVID-19,

³ Zonas de Auto Salvamento (ZAS) são as áreas localizadas imediatamente abaixo de estruturas de barragens de rejeito de mineração, a uma distância de até 10 Km ou com tempo de chegada de rejeito, em caso de rompimento de barragem, de até 30 minutos. Nessas áreas, considera-se não haver tempo suficiente para intervenções adequadas de serviços e agentes de proteção civil em caso de desastres.

a feira também passou a ser realizada às sextas-feiras na Praça São Paulo. Essa ampliação, evidentemente, é resultado da organização política dos agricultores, mas também pode ser considerada como tendo aporte importante do projeto de extensão, que demonstrou ao poder público municipal as potencialidades da agroecologia e serviu de base para que seus integrantes demandassem mais espaço (território!). Com isso, a Rede conseguiu ampliar os circuitos de comercialização em Muriaé-MG e gerar mais renda aos agricultores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se ver no mapa é uma experiência incrível, particularmente para aqueles segmentos da sociedade que historicamente foram marginalizados, essa foi, com efeito, uma das situações que mais nos chamaram a atenção na execução de um projeto de representação territorial. Certamente essa euforia com que é vista a cartografia também é explicada pelo papel que é atribuído aos mapas nos processos reivindicatórios e de empoderamento - não por acaso, o mapeamento marca uma “presença” no espaço e, com isso, contribui na justificativa de demandas de políticas públicas.

Conforme Harley (1989), a história dos mapas parece não comportar modos de expressões populares, alternativos ou subversivos, tendo em vista que o mapeamento é uma linguagem de poder e não de contestação. Com base na experiência relatada, podemos indicar que existem possibilidades contra hegemônicas para a cartografia, mesmo que essa experiência seja considerada um caso isolado, não há como não sublinhar sua capacidade de mobilização para reivindicar, junto ao poder público, demandas “por espaço”, na acepção geográfica mesmo (MASSEY, 2008). Nesse sentido, uma primeira consideração que podemos fazer é a de que a cartografia social constrói condições e possibilidades de promoção de alterações no campo do poder.

Outro aspecto a se destacar é referente à relacionalidade proporcionada pelos mapas. Se ver no mapa é, ao mesmo tempo, ver o outro. Ou seja, ao construir representações cartográficas sobre si no território, podemos perceber também quem nos ameaça. Assim, considerando o embate cartográfico como desdobramento de lutas sociais concretas, pode-se afirmar que ambos os lados (o hegemônico e os subalternos) estão tratando de indagar as debilidades do outro, aproveitando de toda vantagem estratégica que os mapas oferecem. Como nos disse um agricultor “(...) quando me perguntarem se a agroecologia funciona porque ele nunca viu plantar sem ‘remédio’, vou mostrar o mapa e dizer: tá aqui!”.

Por fim, podemos considerar que a experiência vivenciada na execução do projeto de extensão aponta para a importância do processo de cartografia social como ferramenta educativa e organizativa, uma vez que quem participa da construção dos mapas, pensa, ao mesmo tempo, problemas urbanos e rurais, prioridades do coletivo, propõe soluções e mobiliza ações que dão visibilidade social e geográfica a determinado projeto de desenvolvimento territorial. E isso, com efeito, importa em processos de emancipação e também para a agroecologia.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Pró-reitoria de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (PROEX/IF Sudeste MG) pelo apoio financeiro em forma de bolsas aos estudantes que participaram do projeto, através do Programa Institucional de Apoio à Extensão (PIAEX); e também a todos os integrantes da Rede Sabor e Saúde da Serra pela parceria neste e em outros projetos de pesquisa e extensão que desenvolvemos em Muriaé-MG e região nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografias%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf. Acessado em 05 de fevereiro de 2022.

ACSELRAD, H. Mapeamentos, identidades e territórios. In: ACSELRAD, H. (Org.) **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. 2º Ed. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2012. p. 9-45.

ALMEIDA, A. W. B. de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, A. W. B. de.(Org.) **Povos e Comunidades Tradicionais**. Manaus: PNCSA/UEA, 2013. p.157-173.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre RS: Editora UFRGS, 2004.

BARGAS, J. de K. R; CARDOSO, L. F. C. Cartografia social e organização política das comunidades remanescentes de quilombos de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v.10, n.2, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/75y-F6rqwMWcFsdHzWjvvn8x/abstract/?lang=pt>. Acessado em 10 de dezembro de 2021.

BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária**. Petrópolis: Vozes, 1996

CALIXTO, J. S; DELESPOSTE, A. G. ; GOUVEA, Y. A. ; RIBEIRO, R. L. ; SILVA, M. J. F. ; VAZ, L. G. . Rede Sabor e Saúde da Serra: articulação da produção e do consumo de alimentos agroecológicos na região de Muriaé- Minas Gerais. **Anais do VI Congresso Latino Americano e do X Congresso Brasileiro de Agroecologia**, Brasília-DF, 2017.

CAPORAL, F. R. Bases para uma nova ATER pública. **Extensão Rural**, Santa Maria, v. 10, p. 1-20, jan./dez.2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5546/3271>. Acesso em 23 set. 2019.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília-DF: MDA/SAF/DATER-IIICA, 2004. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincípios.pdf>. Acessado em 15 de fevereiro de 2022.

CASTRO, G. R. de *et. al*. Luta e resistência em busca de um território livre de mineração: relato sobre o enfrentamento à mineração de bauxita na Serra do Brigadeiro (MG). In: ALVES, M. da S. *et. al*.

(Orgs.). **Mineração**: realidades e resistências. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p. 321-350.

COELHO, F. M. G. Universidade na vida, a vida da universidade. In: SOUSA, D. T. *et. al.* (Orgs.) **Práticas e reflexões na extensão universitária**: a experiência da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: Editora UFV, 2017.

DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis: Estúdio Sempredo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229738?show=full>. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

DIAS, M. M. Diversidade de concepções sobre extensão universitária: uma abordagem crítico-propositiva. In: SOUSA, D. T. *et. al.* (Orgs.) **Práticas e reflexões na extensão universitária**: a experiência da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: Editora UFV, 2017.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus-AM, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acessado em 15 de fevereiro de 2022.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GORAYEB, A; MEIRELES, A. J. A. Cartografia social vem se consolidando como instrumento de defesa de direitos. **Rede Mobilizadores**, 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP=V&CODIGO=C20142610482831>. Acessado em 22 de fevereiro de 2022.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos território” à multiterritorialidade. 6º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HARLEY, J. B. Deconstructing the map. **Cartographica**. Vol.26, n.2, summer, 1989. p. 1-20.

IORIO, G. S; MAGNO, L. Cartografia social e diversidade territorial no enfrentamento à mineração na Serra do Brigadeiro. **Anais do XIII ENANPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.ufjf.br/poemas/files/2014/08/lorio-2019-Cartografia-social.pdf>. Acessado em 07 de outubro de 2022.

LO SARDO, P. M.; FIGUEIREDO, R. A. A construção do campo da Agroecologia e sua relação com o desenvolvimento rural. **Interthesis**, v.12, n.1, p. 337-360, 2015.

MASSEY, D. **Pelo espaço**. Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SANTOS, B. de S. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.) **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAQUET, M. A. **Conciencia de clase y de lugar, práxis y desarrollo territorial**. Buenos Aires: CLACSO, 2021. Disponível em: <https://www.clacso.org/conciencia-de-clase-y-de-lugar-praxis-y-desarrollo-territorial-2/>. Acessado em 23 de março de 2022.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement or a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 29, p. 503-515, 2009.

Contribuição dos autores

1 – Leonardo Rodrigues de Oliveira

Licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e estudante do curso superior em Gestão da Tecnologia em Informação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Muriaé (IF Sudeste MG – campus Muriaé).

<https://orcid.org/0000-0001-7937-7262> • lenx.rodrigues@gmail.com

Contribuição: As contribuições científicas presentes no relato de experiência foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como a revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. Leonardo Rodrigues de Oliveira ficou responsável especialmente pela coleta, tratamento e validação das informações cartográficas junto aos agricultores e em ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG), bem como pela confecção dos mapas finais.

2 – Carla Martins Nunes

Técnica em agroecologia pelo IF Sudeste MG – campus Muriaé e estudante do curso de Geografia na UFV.

<https://orcid.org/0000-0001-7761-6450> • carla.m.nunes@ufv.br

Contribuição: Carla Martins Nunes participou da coleta de dados através da realização de entrevistas junto com os agricultores e as agricultoras da Rede Sabor e Saúde da Serra em Muriaé-MG, de suas transcrições e análises, bem como da revisão do texto de forma geral.

3 – Stefanie Marquioro

Graduação em Engenharia de Produção e estudante do curso superior em Gestão da Tecnologia da Informação do IF Sudeste MG – campus Muriaé.

<https://orcid.org/0000-0001-6694-6024> • stefaniemarquioro@gmail.com

Contribuição: Stefanie Marquioro participou do mapeamento da produção (levantamento da produção e dos produtos) dos agricultores e das agricultoras da Rede Sabor e Saúde da Serra e das oficinas de coleta e validação de dados.

4 – Lucas Magno

Licenciado e Bacharel em Geografia pela UFV, Mestre em Extensão Rural também pela UFV e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professor do Núcleo de Ciências Humanas do IF Sudeste MG – campus Muriaé e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFV (PPGEO/UFV).

<https://orcid.org/0000-0001-8799-4113> • lucas.magno@ifsudestemg.edu.br

Contribuição: Lucas Magno ficou responsável pelo projeto, análise e interpretação de dados, bem como pela escrita e revisão geral do texto. Contribuiu para aquisição de dados, suas análises e interpretações, e deu conta dos procedimentos técnicos e tradução do artigo.

5 – Julio Cesar Pereira Monerat

Licenciado em História pelas Faculdades Integradas de Cataguases, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Doutor em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/UERJ). Atualmente é professor do Núcleo de Ciências Humanas do IF Sudeste MG – campus Muriaé.

<https://orcid.org/0000-0002-9994-7127> • julio.monerat@ifsudestemg.edu.br

Contribuição: Julio Cesar Pereira Monerat ficou responsável pelo desenvolvimento teórico e conceitual, contribuiu com a análise e interpretação de dados e com a escrita e revisão geral do texto.